

Ministério da Cultura
e Banpará apresentam

2024

PRÊMIO
**DIÁRIO
CONTEMPORÂNEO
DE FOTOGRAFIA**

13ª EDIÇÃO

FOTO: ANTONIA NAYANE

**TODO CORPO
EM DESLOCAMENTO
TEM TRAJETÓRIA**

EDITORIAL

Formação de acervo. Foi com esse pensamento que o DCF retornou ao formato de edital. Através dos Prêmios Aquisição, seis contemplados integrarão a Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia, iniciativa que garante a perenidade das ações do projeto de forma a entregar à sociedade um recorte daquilo que vem sendo produzido em arte contemporânea no país nessa sua mais de uma década de atuação.

Ao mesmo tempo, o DCF mantém a curadoria compartilhada, trabalhada nas duas edições anteriores. Este ano, Lívia Aquino é a curadora convidada. Do texto “Trabalho de Vida”, da artista e estudante carioca Matheusa Passareli, pessoa negra e não binária, ela pinçou a frase que definiu a temática desta edição.

Entre os retornos, está a Residência Farol com uma exposição que traz os trabalhos dos artistas que foram selecionados na 11ª edição, mas que somente conseguiram se encontrar na 12ª em um contexto pós-pandêmico e que, nesta 13ª edição, atravessados por este tempo suspenso e distante, apresentam o que foi construído a muitas mãos na vivência em Mosqueiro.

Já no Museu da UFPA, a exposição convidada traz as imagens fotográficas do botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), pesquisador que atuou no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, de 1895 até o final de sua vida. Em diálogo com o então fazer científico de Huber, artistas contemporâneos trazem seu olhar para as questões da natureza, corpo e espaço.

Esta é uma edição ampla, com recorde de participantes e espalhada entre os diversos museus e espaços culturais da cidade. Um convite aos corpos em movimento para uma trajetória de encontros.

Debb Cabral

13º PROJETO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

CURADOR E COORDENADOR GERAL
MARIANO KLAUTAU FILHO

PRODUTORA EXECUTIVA
LANA MACHADO

ASSISTENTE DE CURADORIA E PRODUTORA
IRENE ALMEIDA

PRODUTOR
FELIPE MENDONÇA

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
DEBB CABRAL

PROJETO GRÁFICO
MELISSA BARBERY

TÉCNICO EM MÍDIAS
MICHEL SILVA

COORDENAÇÃO EDUCATIVA
CAIO PAIXÃO E LANA RAÍSSA MACIEL

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia segue em 2024 com a 13ª edição consolidando atividades compartilhadas, em especial as experiências curatoriais e a programação de conversas com artistas e pesquisadores em arte e fotografia. Todos os prêmios desta edição foram concedidos sob a forma de Prêmio Aquisição, com o intuito de fomentar a ampliação da Coleção Diário Contemporâneo e a prática de renovação dos acervos de arte contemporânea de nossos museus parceiros.

Para as mostras de 2024, temos como curadora convidada Livia Aquino, artista, pesquisadora e profissional atuante em projetos de arte contemporânea no país e uma importante colaboradora do projeto desde 2016, tendo atuado, em especial, no acompanhamento dos artistas residentes nas últimas edições do projeto.

Com o tema Todo corpo em deslocamento tem trajetória, a proposição de Livia Aquino se dirige ao corpo como território pessoal, lugar de vivência única e ao mesmo tempo território de experiência social. Neste ano o Diário Contemporâneo abriu seu edital exclusivamente para a seleção de 15 artistas por meio de uma comissão julgadora e, somado à seleção por edital, um grupo de 24 artistas foi convidado pela curadoria para fazer parte da exposição.

O trabalho curatorial com selecionados e convidados nos permite uma abrangência maior de artistas e uma integração mais significativa de obras e gerações distintas, ampliando e amadurecendo uma política de diversidade desejada pelo projeto desde sua origem. O DCF acolhe artistas atuantes em todo o território brasileiro com propostas em fotografia, vídeo, instalações, projeções, intervenções em trabalhos que misturam suportes e linguagens diversas. Seguimos com o DCF acreditando na força da produção artística como experiência de conhecimento e educação, neste contexto de retomada da democracia no país.

Mariano Klautau Filho

Curador Geral do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

TODO CORPO

EM DESLOCAMENTO

TEM TRAJETÓRIA

Curadoria de **Livia Aquino**

**Espaço Cultural Casa das Onze Janelas
e Galeria Fidanza**

PREMIADOS/AS/ES - PRÊMIO AQUISIÇÃO

Alex Oliveira (BA)

Carolina Krieger (SC)

Coletivo Noite Suja (PA)

Keila Sankofa (AM)

Marina Feldhues (PE)

Rogério Vieira (SP)

SELECIONADOS/AS/ES

Antonia Nayane (PA)

Breno de Sant'ana (RJ)

Cyro Almeida e Mestre Júlio Santos (MG/CE)

Francisco de Souza (RJ)

Gabz 404 (RS)

Ian Nogueira (DF)

Masina Pinheiro e Gal Cipreste (RJ)

Nazas (PA)

s/n°w (snow) (PA)

CONVIDADOS/AS/ES

Alexandre Sequeira (PA)

Aline Motta (RJ)

Allyster Fagundes (PA)

Coletivo Coletores (SP)

Fabiana Faleiros (RS)

Gê Viana (MA)

Laura Andreato (SP)

Manoela Cezar (SP)

Maré de Matos (MG)

Mari Queiroz (SP)

Marise Maués (PA)

Matheusa e Sabine Passareli (RJ)

Maurício Pokemon (PI)

May Agontinme (SP)

Mônica Ventura (SP)

Paloma Durante (SP)

Raquel Stolf (SC)

Regina José Galindo (Guatemala)

Simone Barreto (CE)

Sumé Yina (RJ)

Tadáskia (RJ)

Val Souza (SP)

Walda Marques (PA)

À ESCUTA - RESIDÊNCIA ARTÍSTICA FAROL

Curadoria de **Livia Aquino**

Associação Fotoativa

Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos (RN/MG)

Giovanna Consentini (PA)

Janaína Miranda (DF/RS)

Jessica Lemos (BA)

Marcílio Costa (PA)

IN NATURA / IN VITRO

Curadoria de **Mariano Klautau Filho e Nelson Sanjad**

Museu da UFPA

Ana Paula Albé (RJ/SP)

Felipe Russo (SP)

Jacques Huber (Suíça/Brasil)

Janaina Miranda (DF/RS)

Janduari Simões (BA/PA)

Luciana Magno (PA/CE)

Marina Feldhues (PE/SP)

Péricles Mendes (BA)

Renata Aguiar (AM/PA)

Visitação até 23/06/2024

Entrada franca

à escuta

curadoria de Lívia Aquino

Local: Associação Fotoativa

Praça Visconde do Rio Branco, 19 – Campina

Funcionamento: terça a sexta-feira, das 09h às 17h
sábado, das 09h às 16h

Todo corpo em deslocamento tem trajetória

curadoria de Lívia Aquino

Locais: Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (Rua Siqueira Mendes, s/n – Cidade Velha) e Galeria Fidanza (Museu de Arte Sacra na Praça Frei Brandão, s/n – Cidade Velha)

Funcionamento: terça-feira a domingo, das 09h às 17h

In Natura / In Vitro

com curadoria de Mariano Klautau Filho e Nelson Sanjad

Local: Museu da UFPA

Av. Governador José Malcher, 1192 – Nazaré

Funcionamento: terça a sexta-feira, das 09h às 17h
sábado e domingo, das 10h às 14h

Arboretum

com curadoria de Mariano Klautau Filho e Nelson Sanjad

Local: hall do Centro de Exposições Eduardo Galvão no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi

Av. Magalhães Barata, nº 376, São Braz

Funcionamento: das 09h às 13h

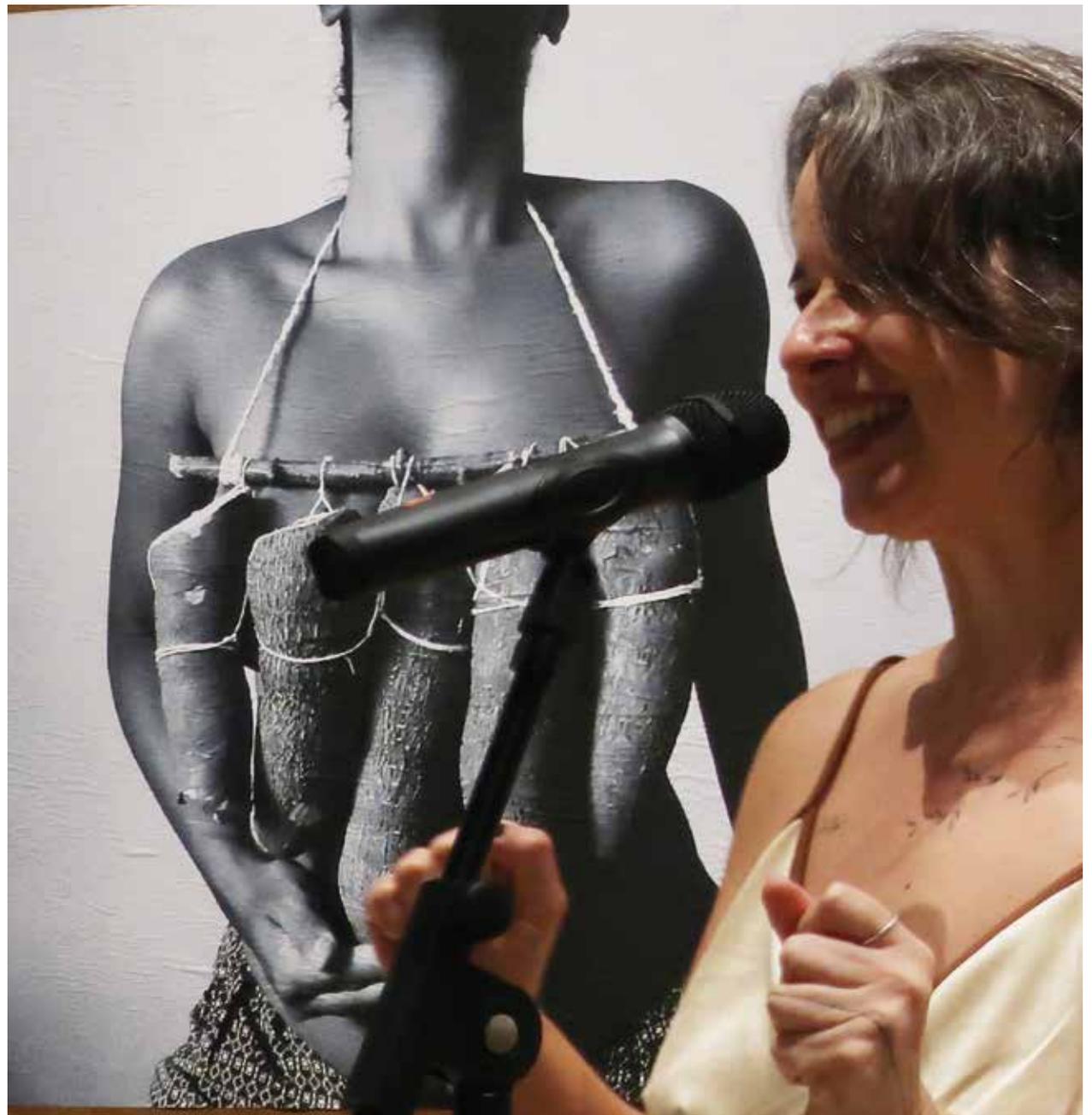
Ingressos: R\$ 3,00

dcf.dol.com.br

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet

Patrocínio: Banpará. Parceiros Institucionais: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Associação Fotoativa, Museu da UFPA (MUFPA), Governo do Pará, por meio da Secretaria de Estado de Cultura (SECULT), Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM) e Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Colaboração: Sol Informática. Apoio Cultural: Diário do Pará e RBA. Realização: Céu Caótico, Ministério da Cultura e Governo Federal.

DCF 2024 nas palavras da curadora convidada



Lívia Aquino fala sobre a 13ª edição do Diário Contemporâneo

Parceira do DCF desde 2016, com destaque especial no acompanhamento dos artistas residentes nas últimas edições, Lívia Aquino falou sobre o convite para a curadoria convidada. “Eu tenho um carinho enorme pelo DCF, já participei como artista, como comissão de seleção e também na orientação nas residências em São Paulo e no Farol. Admiro o modo como o projeto acontece no campo das artes, sempre aberto a adaptações ao seu tempo de existência e acontecimento no território de Belém. Esse convite me pegou de surpresa, para mim é um desafio como artista articular essa proposição junto a pessoas que tenho grande admiração pelo trabalho e por suas proposições artísticas”.

Lívia teve como parceiras na comissão de seleção deste ano a fotógrafa e realizadora audiovisual com trabalhos sobre política, direitos humanos, gênero, sexualidade, parentesco/família, imagem, performance, cinema, táticas documentais e teoria queer/cuir, Vi Grunvald, além de Camila Fialho, curadora e articuladora/ativadora de processos artísticos.

A temática desta edição do DCF nasceu do texto “Trabalho de Vida”, da artista e estudante carioca Matheusa Passareli, pessoa negra e não binária que traz um relato muito íntimo e pessoal mas, ao mesmo tempo, consegue estabelecer relações com outras pessoas e suas vivências. “A proposição da curadoria a partir do texto da Matheusa é justamente por ela articular aspectos de sua experiência pessoal e social, expondo reflexões acerca de como se dá a trajetória do seu corpo em deslocamento pela cidade para cursar uma universidade

pública. Estou interessada nessas relações de vida, daquilo que nos mobiliza e afeta a partir do que é próprio mas também do contexto de vida e de histórias que valem desdobramentos, narrativas e processos”, explicou Lívia.

Ainda olhando a partir da situação do deslocamento, a curadora convidada reflete que “o movimento pode ser o que nos impulsiona, nos leva a produzir não no sentido neoliberal mas naquele em que nos reconhecemos fazedores de algo pela nossa experiência, por sermos viventes e desejantes. Gosto muito de pensar com Paulo Freire quando nos diz que o corpo age e a partir dessa ação - que é mover também - surge o conhecimento do mundo ou daquela pessoa. Não gosto da ideia de tomar uma coisa como dada - é o ponto de saída, é o de chegada, é o caminho, para cada um é algo que pode se dar em torno de, em torno da saída, da chegada ou do tanto percorrido, há movimento em todos esses lugares aí”.

Esta 13ª edição é uma retomada e um fortalecimento daquilo que o DCF já vem construindo há mais de uma década. Com o novo formato de edital, o projeto busca estimular a formação de acervo. “Que façamos uma exposição que mobilize e afete quem visitar, que possamos trabalhar de modo alegre e respeitoso, celebrando a arte e a cultura que fazemos, reconhecendo nosso campo como potente e importante para a produção de conhecimento no nosso país que na história recente tratou tão mal os trabalhadores da arte”, concluiu ao falar das suas expectativas para a edição de 2024.

Narrativas do corpo em movimento

Juradas falam sobre a 13ª edição

As integrantes da comissão de seleção deste ano, Livia Aquino, artista, pesquisadora e profissional atuante em projetos de arte contemporânea no país; Vi Grunvald, fotógrafa e realizadora audiovisual com trabalhos sobre política, direitos humanos, gênero, sexualidade, parentesco/família, imagem, performance, cinema, táticas documentais e teoria queer/cuir; e Camila Fialho, curadora e articuladora/ativadora de processos artísticos; falaram sobre o processo de trabalho em conjunto para a seleção das propostas artísticas e perspectivas para a edição deste ano do projeto.



“Sempre em uma comissão estabelecemos critérios prévios para a avaliação. Nesse caso partimos da proposta curatorial para olhar os trabalhos e escolher dentro dessa diversidade de experiências, da representatividade dentro do território nacional e também da qualidade dos trabalhos e das propostas expositivas”, contou Livia Aquino sobre a dinâmica da seleção dos trabalhos com as duas parceiras de júri. Camila Fialho acrescentou que “o que também nos ajudou a olhar para o Brasil enquanto o Brasil e, na hora de selecionar os trabalhos, era importante atentar também para haver certo equilíbrio entre as regiões do país. Outro ponto que nos tocou foram as identificações de raça e gênero. Para a gente também era importante garantir a diversidade dos corpos autores”.

Vi Grunvald contou que as “conversas produziram muita troca, cruzamentos diversos, coincidências e também divergências, claro. Mas estávamos muito afinadas e, algumas vezes, mudávamos de ideia ao considerar as sensíveis leituras que as outras colegas faziam das obras. Realmente um processo muito rico e também de aprendizagem no melhor estilo do trabalho coletivo dialogado”, explicou.

O tema escolhido, “Todo corpo em deslocamento tem trajetória”, nasceu com uma proposição de Livia Aquino, curadora convidada deste ano. A provocação lançada aos artistas girava “em torno do corpo como um território pessoal, de experiências íntimas e únicas, ao mesmo tempo combinado, por estar alinhado ou confrontado, com a experiência social e política. O corpo é visto para além da sua casca, busca-se a sua tomada de consciência e a relação com o que está ao seu redor”, explicou a curadora.

Mergulhadas a partir da temática trazida pela colega de júri, Camila Fialho e Vi Grunvald analisaram, com Livia, os mais

de 300 dossiês inscritos. “Para seleção observamos os corpos e suas trajetórias — experiências, memórias, histórias que contam e como contam através da imagem”, disse Camila. Vi acrescentou que “também estávamos muito afinadas quanto ao recorte temático. A imensa maioria dos trabalhos recebidos estavam bastante coincidentes com a proposta curatorial que a Livia fez, o que, de certa forma, nos desocupou da preocupação temática. Muitos trabalhos, de fato, mobilizavam, explicitamente, corpo e movimento que são dois eixos importantes desta edição”, lembrou.

A curadora convidada ressaltou que o público visitante pode esperar “obras que apresentam uma diversidade de experiências vividas e também distintos modos de trabalho no campo da imagem e seus desdobramentos como linguagem”. Camila Fialho ainda acrescentou que serão vistos “trabalhos de corpos diversos, distintas narrativas”.

Sobre todo o processo de trabalho e parceria, Vi Grunvald destacou que as juradas ficaram muito contentes com o resultado do processo de seleção. Segundo ela, “a exposição, certamente, será uma grande contribuição para a arte contemporânea tanto em termos estéticos quanto em termos políticos. Os trabalhos possuem uma poética muito sensível, com narrativas e processos cheios de nuances e detalhes que vão sendo descobertos na medida em que paramos e ficamos com estas obras para além do olhar rápido. Além disso, do ponto de vista ético, todos os trabalhos selecionados se ancoram bastante em experiências corporificadas no mundo, umas mais pessoais, outras mais coletivas. Mas que assumem, sempre, a própria narrativa como intencional em termos do diálogo com o mundo social em que vivem, sem, contudo, abandonarem proposições fabulatórias na construção de outras possibilidades de vida”, finalizou.

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

Todo corpo em deslocamento tem trajetória é uma frase escrita pela artista Matheusa Passareli (1997-2018) em 2018. À época aluna do curso de Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Matheusa relata em “trabalho de vida” seu deslocamento pela cidade como “corpo estranho”, pessoa negra, não binária, para poder cursar uma universidade pública em uma região central distante de onde cresceu. Muitos deslocamentos, muitas trajetórias.

A pesquisa apresentada nos dois espaços que comportam essa exposição, Casa das Onze Janelas e Galeria Fidanza, gira em torno do corpo como um território pessoal, de experiências íntimas e únicas, ao mesmo tempo combinado, por estar alinhado ou confrontado, com a experiência social e política. Um sopro no tempo, quiçá uma atualização para a proposição de Carol Hanisch a nos dizer que o pessoal segue sendo político.

Estamos atentas/es/os a corpos, corpas, no plural da palavra, no plural das experiências vividas e sentidas. Corpos que são forças distintas, você, eu, elas, eles, elus, nós. Corpos que se encontram, se atravessam, se dispersam. Corpos que saem e voltam para casa, quando há casa; pegam ônibus para o trabalho, quando há trabalho ou ônibus; esperam na fila do cuidado, quando há cuidado; aguardam o respeito, quando há rede de apoio ou políticas públicas voltadas para todas, todes e todos. Corpos que não param de perceber, de sentir, de assimilar a vida que constroem na vizinhança ou na distância de outros corpos. Face a face, ombro a ombro, lado a lado.

Por meio dessa convivência corpos nunca cessam de se mover, para fora e para dentro. Corpos produzem também uma diferença de si fazendo conviver numa mesma existência quem

nasce recebendo a atribuição de um gênero e percebe-se em outro, ou em nenhuma categoria binária; aqueles que se formam em algo e trabalham em outro algo; a criança e o adulto em diferentes fases; outros que vieram do sul mas vivem no norte, ou do centro para o periférico; quem se sente parte até que a ignorância, o preconceito, a misoginia, o racismo reiteradamente ditos façam nascer uma cisão, uma quebra, um abismo no dentro e no fora de muitos corpos.

Vivenciamos juntas/es/os a essas/es artistas/es experiências ligadas à ancestralidade, à memória, à distintas representações familiares, ao pertencimento, às diversas identidades, à construção de redes de afetos, à resignificação de imagens históricas, aos movimentos da/na terra, à performatividade, aos apagamentos históricos, às discriminações e às insubordinações de corpos indígenas, negros, mulheres e LGBTQIAPN+. Esperamos sinceramente que você seja tocada/e/o por algo dessa constelação de corpos que apresentamos.

Solicitamos o corpo presente, é bom dizer, o corpo que atua e que no hoje reflete seus atos. Aqui convocamos ações artísticas que operam armaduras, cortes, combates, plataformas políticas, montagens, construções de narrativas, ironias, deboches, escutas, leituras, reescritas de mandamentos, denúncias, afirmações e celebrações, claro, porque a alegria é revolucionária. O que quer dizer ação quando chamamos o corpo? Quais são as suas lutas estéticas-sociais-pessoais-políticas? Onde se localizam seus espaços de acontecimento? Todo corpo em deslocamento tem trajetória. Qual é a sua?

Lívia Aquino
Curadora

Artistas Premiados/as/es

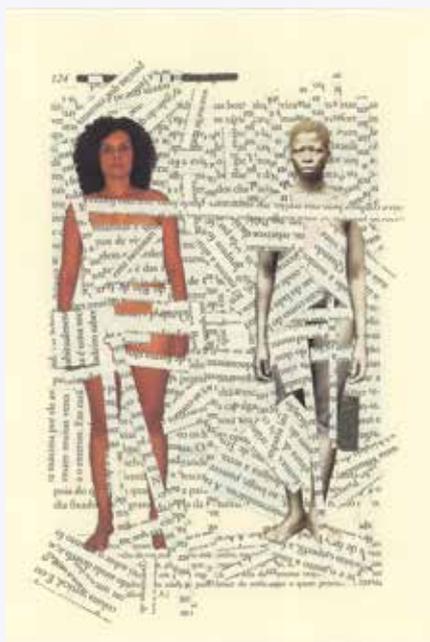


Mandacaru, aqui, é um bairro
Alex Oliveira (BA)

É uma proposta de instalação fotográfica produzida entre 2020 e 2022, período correspondente ao retorno do artista para o território de origem, o bairro do Mandacaru, em Jequié, cidade do interior da Bahia. Durante esse período, passou a se envolver com um processo de ocupação artística de uma casa em que havia morado durante sua infância e adolescência, e que desde o período residindo fora, a casa estava sendo alugada. Com isso, esse espaço passou a ser transformado num ateliê criativo desde o período da pandemia.

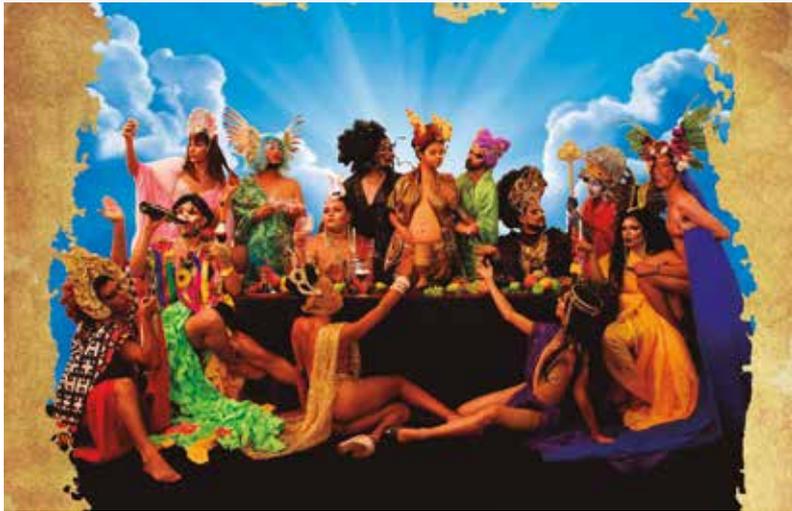
Rosto de Sal
Carolina Krieger (SC)

Propõe uma reflexão sobre a imagem como meio de alquimia, elaboração e cura. Suscita a incessante metamorfose da vida: energia transformando-se em matéria, matéria transformando-se em energia. Segundo a artista, somos formas transitórias faiscando para dentro e para fora da existência, engendrando um movimento contínuo. Este ensaio evoca através do corpo-fotográfico a presença de um corpo-ausente. Resgata através do gesto artístico os vestígios do que permanece do corpo-natal, do corpo-mãe. Ritualiza o processo de criação e inaugura um espaço onde é possível o encontro entre corpos que habitam dimensões distintas.



Nós: a desordem da carne
Marina Feldhues (PE)

Nesta série em particular, a artista expõe como a carne negra é exorbitante ao “corpo negro” dissimulado, fabricado pelos discursos ontoepistemológicos de cientistas como Agassiz, o fundador da Antropologia em Harvard. Por meio da fotoperformance, se junta aos seus ancestrais para sentir-entender na carne as posições de fotógrafa, de retratada e de objeto do olhar do espectador. Ocupa as posições dos três atores de todo encontro fotográfico.



Santa Ceia

Coletivo NoiteSuja (PA)

Cada detalhe em foto e vídeo refletem a comunidade que se estabeleceu em Belém a partir de 2013, com o surgimento deste coletivo. No centro há um homem trans Drag King, grávido na época. Em ambas as pontas da mesa, há Themônias travestis. O coletivo escolheu partir de uma imagem impregnada em nossa cultura, que retrata a última ceia de Jesus, para orientar nossa performance, que fala da união de indivíduos plurais em suas identidades estéticas e de gênero.

Alexandrina - Um relâmpago

Keila Sankofa (AM)

É uma das etapas do projeto “Direito à Memória - Outras Narrativas”, uma pesquisa que reivindica a memória de pessoas pretas do estado do Amazonas. Essa proposta percorre um lugar de não-ficção, materializando-se como fotos e linguagem cinematográfica em uma instalação constituída de fotografias, áudio e vídeo. Filha de negros escravizados, nascida livre, Alexandrina é a primeira figura que entra na pesquisa do projeto, sendo ela um vulto histórico que existiu no século XIX.



Somos todos alvos aqui

Rogério Vieira (SP)

É uma série de retratos crua e direta, que nasce com a intenção de manter vivo o debate sobre a violência policial que tem como alvo pessoas das periferias e favelas do Brasil – em maioria pessoas de pele preta. Ferramentas e acessórios do dia a dia são usados como metáfora, e se referem às mortes de pessoas assassinadas por policiais que confundiram ferramentas e objetos com armas de fogo.

Artistas Selecionados/as/es



Fissurada

Antonia Nayane (PA)

Nasceu da necessidade de abordar a natureza inacabada do rosto e ficcioná-lo a partir da experiência da hospitalização e do pertencimento fronteiriço entre um rosto fissurado e um rosto suturado, cuja ambivalência da experiência é a cicatriz. A pesquisa se desenvolve na criação de autorretratos, um gênero artístico que possibilita a experimentação da autoimagem e a possibilidade do si mesmo encarnar, ou refletir, um lugar de outro.

Corpo contra linguagem: Vinhadinho

Breno de Sant' ana (RJ)

É uma espécie que existe independente da autorização de existir. Apresenta-se como espécie pitoresca, mamífero, a espécie da fotografia está localizada em Santíssimo, zona Oeste do Rio de Janeiro. Andando pelas ruas e esquinas, é possível encontrar vinhadinho desfilando nas avenidas, existindo e resistindo nas favelas e no mundo.



Desidades

Cyro Almeida (MG) e Mestre Júlio Santos (CE)

É uma série de 8 fotopinturas inéditas, realizadas em 2023 por Cyro Almeida, 39 anos e Mestre Júlio Santos, 79 anos, retratando a geração Z — aqueles nascidos na era da internet — com as particularidades envolvidas em suas formas de autorrepresentação nas redes sociais. Desta junção emerge o encontro de diferentes gerações, promovendo reflexões sobre a permanência dos ofícios e dos costumes, as novas tecnologias, as sobrevivências das técnicas e das aparências. Temos com isso, um produto final híbrido, que integra saberes na produção da imagem advindos da juventude atual, da arte contemporânea a da arte popular.

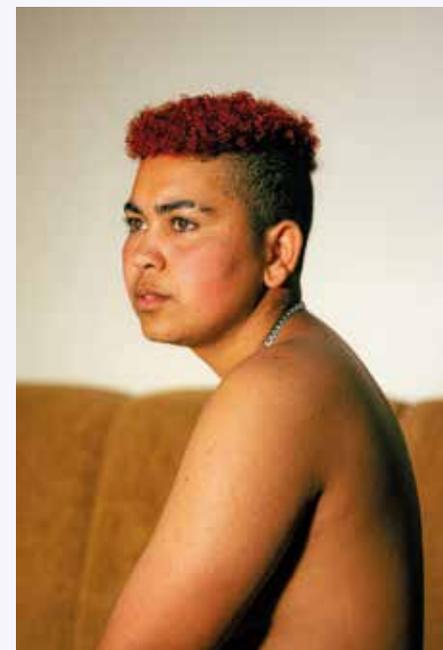




Orla

Francisco de Souza (RJ)

É um ensaio sobre o desejo de ocupar as praias da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. É um olhar periférico de quem quer sentir que essa região lhe pertence e, que assim acredita poder interferir, e mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse lugar.



ser trans

Gabz 404 (RS)

É um projeto que celebra pessoas trans, travestis e não-binárias por meio de ensaios fotográficos, entrevistas e vídeos. Ao rejeitar narrativas estereotipadas centradas na violência e marginalização, e dos manuais que ditam “como ser trans da maneira certa”, perpetuando o auto-ódio e a busca por um corpo inalcançável, o projeto foi concebido com a intenção de oferecer um espaço para que pessoas trans pudessem compartilhar suas vivências, trazendo diálogos mais profundos sobre como se sentiam, de maneira a pessoalizar suas histórias e romper com limitações impostas em generalizações.



Jóquei Clube

Ian Nogueira (DF)

A série documenta um visual peculiar, com doses cavalares de personalidade: chicotes, chapéus, botas e camisas de vaquejada identificam os cowboys da Estrutural e desafiam os estigmas que recorrentemente são lançados sobre a moda e os corpos periféricos.



Refrão

Masina Pinheiro (RJ) & Gal Cipreste (RJ)

É uma série de documentação sobre as vozes de pessoas trans, não-binárias, desobedientes de gênero e/ou fora dos parâmetros hegemônicos de poder. Este trabalho, composto por fotografias, filmes, esculturas e depoimentos escritos, explora o silêncio voluntário que algumas vozes experimentaram após algum tipo de violência e examina as estratégias que esses corpos criaram para se proteger dentro de suas transformações físicas. A série provoca questionamentos sobre a definição de naturalidade e a construção de identidades corporais dissidentes.

Quando eu pensei que não tinha falado
s/n^ow (snow) (PA)

Com o falecimento da mãe do artista e, posteriormente do seu pai, o hábito de folhear os álbuns de família com os parentes não apenas se perdeu, como a conservação e cuidado das fotos foi negligenciado. Marcelo decide não apenas guardar as fotografias consigo como também se apropriar dessas imagens como se fossem suas, mesmo que algumas lhe gerassem sempre um certo incômodo e, a partir desse incômodo constantemente gerado, tentou não somente relacionar essas imagens com objetos coincidentemente e anteriormente coletados e guardados por ele durante anos, como também tentou entender seu incômodo gerado pela imagem através da escrita.



Faixas

Nazas (PA)

Em 2022, a artista iniciou um trabalho em parceria com pintores de faixa de festas de aparelhagens. A ideia é pintar frases de músicas de tecnomelody e espalhar pela cidade, transformando a imagem das faixas em cartas de amor urbanas. A intenção é a obra ser uma instalação itinerante, deslocando-se por lugares e espaços onde pessoas transitam, tal qual as faixas de aparelhagens que estão sempre à vista na BR, na esquina, na janela do ônibus. A instalação representa a pausa na correria para ler o amor, para ouvir a sonoridade e a ver a visualidade da estética romântica paraense, encontrada no tecnomelody.

Artistas Convidados/as/es

Linha de um tempo partilhado, 2007, da série MeumundoTeu

Bandeiras rota de partilha, 2007, da série MeumundoTeu

Alexandre Sequeira/Tayanna Wanzeler/Jefferson Oliveira (PA)



Dois adolescentes que não se conhecem trocam impressões sobre suas realidades a partir de cartas e fotografias. A mescla dessas informações de mundo apresentadas por Tayana Wanzeler, moradora do bairro do Guamá na cidade de Belém e Jefferson Oliveira, morador da ilha do Combú na região amazônica, é o insumo que Alexandre Sequeira lança mão para compor uma série de 15 trabalhos que revelam uma nova realidade construída a partir do diálogo estabelecido entre esses dois adolescentes. O resultado são imagens que confundem diferenças e semelhanças num todo que aponta para novas significações adquiridas a partir desse encontro.

Pontes sobre abismos, 2017

Aline Motta (RJ)

Instigada pela revelação de um segredo de família, Aline partiu em uma jornada à procura de vestígios de seus antepassados. Ela viajou para áreas rurais no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Portugal e Serra Leoa, pesquisando em arquivos públicos e privados e, ao mesmo tempo, criando uma contra-narrativa do que geralmente se conta sobre a forma como as famílias brasileiras foram formadas. O trabalho discute o racismo, suas formas usuais de representação, pertencimento, identidade e as noções românticas de sua miscigenação.



Ilhas (Revérbero, Ilha das Idéias, Ilha das Práticas, Ilha da Auto contemplação, Ilha das Sombras), 2020

Allyster Fagundes (PA)

O secular mito da sereia, e o conceito de drags “Themonias”, criado em Belém do Pará, são as grandes referências dos trabalhos de Allyster Fagundes, voltado à comunidade LGBTQI+ nas suas redes sociais. Vídeos-performance, fotografias, esculturas em látex, pintura e um acervo de objetos pessoais unem artes plásticas e visuais.



Territórios Insurgentes, 2024

Coletivo Coletores (SP)

Explora com o vídeo mapping a relação entre tecnologia e criatividade para compor o universo da intervenção urbana aplicada à vídeo projeção coletiva, exercitando o reconhecimento da palavra como ferramenta visual. Trata-se de um trabalho de investigação das tipografias urbanas, vernaculares dentro do universo da cidade e suas escritas. A obra presente na mostra vem a partir de oficina realizada na própria cidade e projeções sobre fachadas do centro histórico.

Trilogia Lady Incentivo, 2014

Seminário da Fofoca, 2018

Fabiana Faleiros (RS)

A artista também é conhecida como Lady Incentivo – pseudônimo de cantora/pessoa pública cujo nome satiriza a lei federal que contribuiu para a privatização da cultura no Brasil. O Seminário da Fofoca junta duas palavras de lugares diferentes: uma vinculada aos saberes acadêmicos e outra aos saberes da oralidade. A instalação traz uma série de frases impressas em almofadas de paetê, que se revelam quando as pessoas participantes/espectadoras passam a mão sobre elas. realizada na própria cidade e projeções sobre fachadas do centro histórico.



Radiola de Promessa, da série Atualizações Traumáticas de Debret, 2019-2021

Série Sapatona, 2018-2020

Gê Viana (MA)

No primeiro trabalho, observa-se o uso da colagem digital como ferramenta de revisões históricas e iconográficas, atuando sobre as obras do artista francês Jean-Baptiste Debret. No segundo, há a manipulação de imagens icônicas de casais cis, fotografias que vagueiam na internet agora migram para o mundo LGBTQ+ com variações corporais recortadas sem o interesse de um recorte preciso.



Socorro, 2017

Laura Andreato (SP)

A partir da criação colaborativa de fonte tipográfica com passageiros que utilizam a linha Socorro-Lapa em São Paulo, a fonte criada pela artista passa a ser utilizada, em suporte do cartaz, para dar corpo ao enunciado que se torna o mote da 13ª edição do projeto.

Paisagem Derruída, 2018

Dibubuismo, 2023

Marise Maués (PA)

O primeiro é uma ação realizada no mercado do Ver-o-Peso como ato de protesto frente ao incômodo ao perceber que traços identitários da cidade, partes de sua memória perdem-se a cada nova invernada. No segundo, a artista idealiza a performance na qual se deixa levar pelas águas pardacentas de um curso d'água, localizado na Vila de Algodual, no Pará. O flunar de um corpo feminino se dá em companhia de outros corpos femininos representados pelo que ela chama de corpos-folhas, que são rostos de mulheres impressos em folhas pela ação continuada do sol.



Falar com estranhos, 2021

Maré de Matos (MG)

Atua em linguagens híbridas e seus trabalhos situam-se, sobretudo, no vão entre os territórios da imagem e da palavra. A obra "Falar com estranhos" é uma das diversas bandeiras em que a artista propõe enunciados sobre tecidos e ativa ideias de grande poder imaginativo (extraído e adaptado de texto da Galeria Lume).



Áreas permeáveis evitam enchentes, 2020 (em andamento)

Mari Queiroz (SP)

Trabalho sobre o apagamento de um estupro, revelado após um hiato de trinta e cinco anos. A procura por fragmentos de memória levou a artista a estabelecer como procedimento de trabalho refazer o trajeto até o local da violação repetidas vezes, no decorrer de um ano pandêmico. Seu objetivo foi pesquisar uma possível materialidade para essa violência oculta, a fim de dar corpo a uma marca que permanece no tempo. Esparramar essa massa verde é uma forma de materializar tantas violências silenciadas. O trabalho faz parte da série Infiltração.

Ainda sem notícias suas..., 2019-2022

Manoela Cezar (SP)

O trabalho integra a pesquisa “No Road Movie”. Essa investigação parte de filmes de estrada para pensar narrativas queer no cinema e resultou em um texto no formato de roteiro, na instalação e em um website que configuram o universo do trabalho. Operando por procedimentos de montagem e pós-produção, os trabalhos jogam com a construção de narrativas pela articulação de gestos, objetos, imagem, texto e som.



Trabalho de vida, 2018-2024

Matheusa e Sabine Passareli (RJ)

“Todo corpo em deslocamento tem trajetória”, tema da 13ª edição do projeto, foi extraído de texto monográfico da artista trans e, então estudante, Matheusa Passareli para uma disciplina de pós-graduação na UFRJ. Pesquisa e relato sobre sua condição negra e sua história pessoal, o texto é um manifesto tocante sobre o lugar que seu corpo ocupa no espaço social. Matheusa perdeu sua vida anos atrás por encontrar-se em uma situação vulnerável às violências estruturais entranhadas na sociedade brasileira. O texto foi lido e gravado ao vivo em roda de conversa promovida pelo projeto, na Casa das Onze Janelas, na manhã de domingo do dia 28 de abril, por sua irmã, Sabine Passarelli, educadora e artista trans. A data da leitura marcou, coincidentemente, os três anos em que Matheusa foi assassinada.





Plantar Batatas, 2020

Maurício Pokemon (PI)

Um movimento natural que aconteceu durante a pandemia do Coronavírus foi a reconexão com o necessário para sobreviver. O artista entrou nesse mesmo ciclo e algumas questões surgiram sobre o trabalho e sobre como continuar. Desde 2019, Maurício vem se interessando pelos movimentos feitos por trabalhadores e trabalhadoras para a sobrevivência na sociedade.

Restauros Pretos (Iemanjá), 2021

May Agostinme (SP)

A artista junta o crochê, aprendido com a mãe, à técnica de reparos, ensinada pelo pai, para realizar a série "Restauros Pretos", em que produz intervenções que trazem de volta a pele negra de símbolos religiosos embranquecidos, como é o caso de Iemanjá. (extraído e adaptado do site do Prêmio Pipa)



Luz Negra, 2019

Mônica Ventura (SP)

Os anúncios e as propagandas publicitárias ocupam um espaço de grande importância na sociedade pós-moderna, modelando atitudes e comportamentos do mundo contemporâneo. A artista ressalta, com o neon luminoso, esse tópico de discussão sobre como se estrutura a participação das mulheres negras nos meios de comunicação a fim de uma reflexão sobre a inserção da afrodescendente na publicidade de hoje. A peça traz a frase de autoria de Juliana Borges e oferece uma propaganda otimista para a mulher negra contemporânea.



O infinito é composto por uma série de finitos, 2017-2024

Paloma Durante (SP)

O trabalho é composto por 13 perguntas a serem distribuídas em ordinários suportes. A artista convida o público a elaborar um exercício de contagem acerca de situações específicas. As respostas, ainda que mensuráveis, tendem a um número de improvável alcance. Apostando na falha do próprio exercício proposto, este trabalho busca dar a ver dinâmicas, repetições e implicações de certas aparições e esquecimentos que moldam o nosso cotidiano.

Sou toda ouvidos, 2021 (versão 9)

Sou toda ouvidos, 2024 (versão 10)

Raquel Stolf (SC)

Os textos apresentam proposições envolvendo interpretações descontínuas, entre a situação de leitura-escuta e a ocorrência de ligações (que podem ou não ocorrer, e/ou mesmo serem atendidas, sendo que não são gravadas sonoramente – e quando ocorrem, atuam como proposições-bumerangues – em que se lança e a proposição volta).

SOU TODA OUVIDOS

Escuto gratuitamente silêncios impossíveis, *ex-possíveis* e impossíveis, por telefone e/ou mensagem. 48-984334419

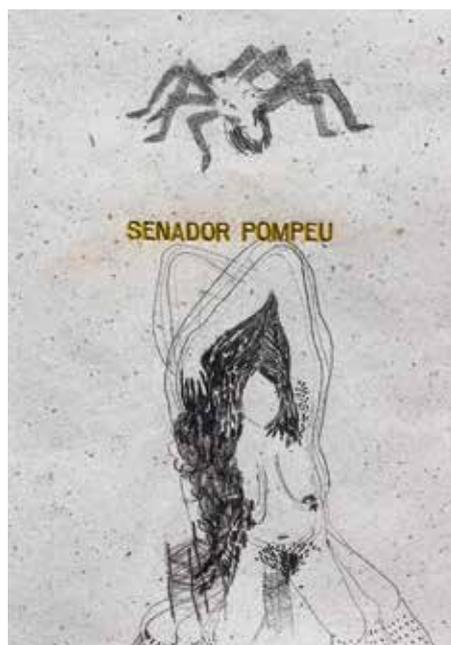


Tierra, 2013

Não estuprarás, 2017

Regina Jose Galindo (Guatemala)

Tierra aborda as relações de exploração do trabalho, recursos e vida humana na Guatemala. Nua num pedaço de terra, que está sendo escavado por uma máquina, Galindo se mantém firme. Invocando o imaginário das valas comuns, o trabalho foca atenção no massacre de milhares de indígenas durante a Guerra Civil Guatemalteca. Em No violarás, agora traduzido para o português, ressaltando o impacto da violência sexual, a artista cria o 11º mandamento como um grande e necessário enunciado a ser continuamente alertado, propagado e difundido na paisagem e no espaço público (extraído, traduzido e adaptado do site do MoMA).



O que a vida pede da gente, 2017

A Estrada do Algodão é escura e arriscada, 2017

Simone Barreto (CE)

As narrativas e trajetórias trazidos nos trabalhos são marcados pelo apagamento e invisibilidade na historiografia brasileira. Essas inquietações conduziram a artista num caminho, uma estrada, uma linha, um corte, um fio que risca o Ceará de norte a sul, a Estrada do Algodão, CE 040, ouvindo as histórias ocultas e silenciadas sobre a participação das mulheres nas colheitas de algodão no sertão do Ceará.



Abya Yala, 2020

Sumé Yne (RJ)

Através da retomada de sua ancestralidade, a artista trabalha a memória, a subversão de símbolos, formas de ser-estar no campo civilizado e institucional, manifestando sua própria presença enquanto identidade trans e indígena em contexto urbano. Ao andar por estradas de terra, Sumé percebeu que junto das folhas e raízes das árvores, existiam grandes buracos criados por escavadeiras de construtoras. Deixou ali um recado, desenhando na terra escavada uma outra forma de compreender as dimensões e políticas desse espaço, um símbolo decolonial.



Corda dourada com minha mãe Elenice Guarani, minha tia Marilucia Moraes, minha vó Maria da Graça e minha tia Gracilene, 2020

Tadáskia (RJ)

Histórias, geografias e as relações materiais e imateriais que podem surgir entre o mundo e as coisas vivas. A artista elabora também experiências visíveis e invisíveis a partir da diáspora preta e dos encontros tanto familiares quanto incomuns. A obra reativa os vínculos familiares por meio do símbolo do fio, e ainda faz referência direta à obra "Por um fio" (1976), de Ana Maria Maiolino.



Reprodução da obra Vênus, 2024 (Acervo Instituto Moreira Salles)

Val Souza (SP)

Painel com mais de mil imagens que se articulam como um atlas de emancipação. Entre autorretratos, fotos de revistas, livros, redes sociais e imagens de icônicas femininas como Beyoncé, Sueli Carneiro, Zezé Motta, Jojo Todynho, entre outras. A obra apresenta uma força revolucionária de união e reivindicação por desejo entre/para mulheres negras. Originalmente com 10 metros de comprimento, o trabalho exibido em Belém é uma versão menor, de 5 metros em forma de lambe, adaptada e montada pela própria artista na Casa das Onze Janelas.

Marajoaras, 2014
Walda Marques (PA)

Conhecida por sua especialidade no gênero do retrato de estúdio, e na fotografia ficcional voltada para as narrativas de fotonovela, a artista apresenta um políptico que é parte de um grande conjunto de imagens de mulheres que habitam a Ilha do Marajó, fotografadas no interior de suas casas, em situações despojadas, domésticas, mas revelando altivez e elegância, qualidades tão próprias da atmosfera criada pelos antigos estúdios.



À escuta

Exposição da Residência Artística Farol
Orientação e Curadoria de Lívia Aquino
Fotoativa, 2024

Há dois anos e meio experimentamos no período de um mês uma convivência artística na Ilha do Mosqueiro, próximo a Belém. A Residência Farol estava prevista para acontecer quando a pandemia paralisou todas as atividades e tivemos que guardar nosso desejo de estarmos juntos por quase dois anos.

Entre lançarmos o projeto e esse momento atual da exposição o tempo correu no antes e no depois e de algum modo podemos dizer que no meio disso tudo nos encontramos no Mosqueiro. "À escuta" é resultado dessa sobreposição de tempos, trabalhos foram projetados, se mantiveram na latência dos acontecimentos e hoje estão nesse estado de presença que mostramos ao público.

Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos, Giovanna Consentini, Janaína Miranda, Jessica Lemos e Marcílio Costa, artistas residentes, apresentam trabalhos que atravessaram os espaços geográficos de suas vidas, retornando a Belém em um movimento de reencontro e de anseios de partilha.



Restos de Clareúme (2021)

Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos (RN/MG)

Durante o mês da Residência Farol, vivendo realidades distintas a partir do distanciamento geográfico, o duo .:grão propôs uma tentativa de diálogo entre as experiências oníricas daquele que, ao viajar para a Ilha de Mosqueiro, imergiu num novo contexto e as fotografias daquela que permaneceu rodeada pelos afazeres cotidianos. Aquilo que foi produzido durante o período da residência artística foi, então, apresentado sob a forma de uma instalação dentro da qual se experimenta, nas próprias paredes do quarto que fez nascer os sonhos, esse jogo entre o onírico e o fotográfico, num fluxo de constante deslizamento entre as palavras e as imagens.

Proteção (2021)

Boa sorte (2021-2023)

Giovanna Consentini (PA)

O trabalho consiste em uma instalação de impressões em cianotipia dedicadas ao tajá, uma planta profundamente enraizada no imaginário coletivo nortista, que simboliza proteção e espiritualidade. Sua presença funciona como um dispositivo de proteção espiritual nas casas e quintais paraenses.





Farol (2021)

Janaína Miranda (DF)

Como erguer estruturas que viabilizem a existência para além da sobrevivência? Como falar da experiência profunda da maternidade solo atípica em meio a um processo de naturalização das opressões contra as mulheres? Erguer a si mesma, e a cria, como um ato escultórico-político. Para além de uma prática in-situ, que parte de elementos locais para instaurar novas relações, o Farol é uma narrativa micropolítica que tem como fundamento: escuta do lugar, negociações, redes, impermanência, materialização de devaneios, criação de espaços de afeto e potência, e afirmação da vida.

Para pisar suavemente na terra (2021)

Jessica Lemos (BA)

Apresenta três obras que surgem de um processo ritualístico na relação com a rua e as trocas possíveis com as diversas narrativas que a raiz mandioca possui na história, nas memórias da artista e nos territórios que transitam. Esses trabalhos são uma tentativa de recriação de novas narrativas sobre a mulheridade e sua relação com os alimentos presentes em nossa ancestralidade afroindígena.



Lembranças boas de amigos (2024)

Águas do Presente (2024)

Gente (2024)

Marcílio Costa (PA)

Trabalhos que trazem a relação do texto com o espaço de modo a tornar as letras e palavras imagéticas, sejam em intervenções externas ou internas.

In Natura / In Vitro

A mostra envolve a relação entre corpo e paisagem por meio de trabalhos de oito artistas contemporâneos que dialogam com a produção fotográfica do universo vegetal realizada pelo cientista suíço Jacques Huber no início do século XX, como pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. Jacques Huber é o eixo central da mostra com a participação de artistas contemporâneos.

A exposição tem a curadoria compartilhada entre o curador geral do projeto, Mariano Klautau Filho, e Nelson Sanjad, pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, especialmente convidado para trabalhar o acervo de Jacques Huber no contexto do projeto.

A intenção da exposição é ativar o possível diálogo entre as imagens históricas de Huber e as questões da natureza e cultura propostas por cada um dos artistas.

Nesse contexto, são ressaltadas as relações entre arte e ciência, a partir das analogias encontradas na ação do artista e do cientista na observação, extração, apropriação dos materiais da natureza para suas construções narrativas, investigações e rerepresentações de seus lugares dentro da experiência da paisagem. São fotografias, videoperformances, fotoperformances, objetos, documentos, livro de artista que ampliam a presença do corpo como interface entre humanidade e natureza.



Jacques Huber. Rochedo em Quixadá, Ceará. Jacques Huber, 1897. Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, Basileia, Suíça. Fotografia em papel, reprodução autorizada



Tempoluz, 2022

Ana Paula Albé (RJ/SP)

É um exercício de retrato que gera um acontecimento entre a duração do olhar e o rigor do aparelho fotográfico. A fotógrafa prepara a câmera fotográfica sobre o tripé, enquadra o rosto da atriz, Dani, que encara a câmera fixamente. Acende um foco de luz que faz um desenho discreto, incidindo a 45 graus do rosto: uma luz clássica.

Mi-Chemin, 2023/2024

Felipe Russo (SP)

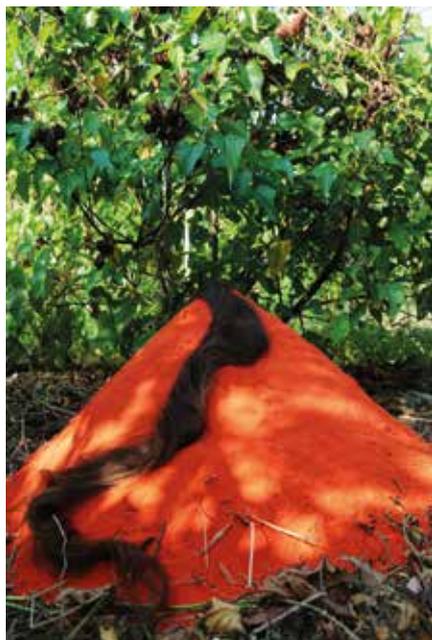
“Entre 2021 e 2023 vivi com a família em um pequeno vilarejo no Vale de Aveyron, sudoeste da França. Enquanto trabalhava na reforma da casa, encontrei uma velha mesa de madeira e um tecido de algodão que se tornaram meu estúdio. No celeiro, cavando no jardim ou em fazendas abandonadas ao redor, encontrei uma infinidade de objetos e ferramentas relacionados à vida cotidiana nessa terra. Eu os aceitei como presentes ou pistas que agora me guiam em uma jornada pessoal de envolvimento com a região e sua geografia social e ambiental” (Felipe Russo)



Bardo, 2022

Janaina Miranda (DF/RS)

Aldebaran é a estrela mítica do olho do touro, do árabe al-dabarān “aquela que segue”, a estrela da iluminação do Buda, o Aleph. A artista investiga passagens, iniciações, transições, processos de cura, morte e renascimento. “Bardo”, que está no MUFPA, faz parte do conjunto intitulado “Aldebaran”, projeto que também reúne fotografias (adaptado de texto do site da artista).



Densidade Aparente, 2014

Uatumã, 2023

Escapar da Terra, 2020

Capilaridade, 2020

Luciana Magno (PA/CE)

Em seus trabalhos, performances que a própria artista registra em fotografia e vídeo, cabelos, pernas, troncos, algas, cipós, água, árvores e pedras ganham organicidade, transformando-se em um corpo único, que não distingue o humano e a natureza. Os vídeos e fotografias presentes na exposição encarnam a experiência simbiótica proposta pela artista (adaptado de texto do site da Galeria Janaina Torres).

Éden Redescoberto, 2023/2024

Janduari Simões (BA/PA)

Série de fotografias que o artista vem fazendo há muito tempo que se tornou uma espécie de inventário das formas vegetais encontradas, contempladas e investigadas no seu próprio quintal. Um encontro raro entre atenção perceptiva, estudo estético e reflexão sobre a existência da natureza como força motriz de renovação.



Escala Humana, 2020.

Sou porque somos, 2021

Marina Feldhues (PE/SP)

“‘Escala Humana’ é um estudo sobre a permanência da lógica relacional colonial na arquitetura e no modo de organização das relações humanas na cidade em que moro. Repito os movimentos que pesquisei e os que imagino possam ter ocorrido nas cenas do século XIX; os gestos até me sentir liberta da métrica, da determinação e da linearidade do tempo. Em ‘Sou porque somos’ me aproprio das fotografias de tipos raciais, usadas como evidência científica antropológica da inferioridade ontológica das pessoas negras escravizadas e posteriormente usadas para o desenvolvimento da criminologia entre os séculos XIX e XX. Repito a pose típica dos retratos, o nu frontal, que no século XIX significava a desumanização dessas mulheres, para me juntar a elas, porque se hoje sou é porque junto com elas somos, assim ensina a filosofia Ubuntu” (adaptado de texto do site da artista).



Epifanias, 2017/2021

Péricles Mendes (BA)

“‘Epifania’, do grego ‘epiphaneía’ — manifestação, aparição, iluminação, compreensão da essência de algo — são alguns dos significados atribuídos a esta palavra que dá título ao ensaio ficcional *Epifanias* — interfaces para paisagens ficcionais. Nesta série, proponho evidenciar a aparição de criaturas híbridas nas paisagens naturais do Nordeste usando a fotografia como um modo de produção e ficcionalização do espaço real a partir da experiência sensível em estar nele. Nesta relação, sujeito e ambiente se fundem em uma geografia imaginária, onde a paisagem provoca o pensar e o pensamento se desdobra como paisagem”.

As Ykamiabas e O nascimento do Muyrakitã, 2019

A Afogada, 2020

Regressa, 2020

Renata Aguiar (AM/PA)

“Atravessada pela performatividade, como método de pesquisa, as imagens se apresentam como reminiscências, restos ou rastros dos caminhos entre memórias, ficções ou as lacunas de uma artista em busca da reconstrução de um corpo-território sonhado e intuído, num encontro entre fotografia e performance onde ambas se constituem mutuamente na esperança de criar imagens de outros mundos possíveis” (texto da artista extraído do catálogo da exposição *Reminiscências*).



“Vamos fazer um roteiro de mediação?”, por Caio Paixão

Vivemos um tempo onde as nossas percepções de mundo, corpos, ideias, gêneros, desejos, realidades estão em trânsito. O mundo que outrora foi conhecido como dual e binário está sendo revogado.

Corpos que sempre existiram, mas durante anos ficaram guardados em silêncio, estão ocupando muitos espaços de visibilidade e diálogo. As narrativas que contamos hoje como corpos dissidentes já estão marcadas nas linhas da história como devir transformador de percepções da contemporaneidade.

Querido professor, a proposta do material pedagógico do projeto educativo da 13ª edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia visa caminhar por linhas transversais relacionadas aos temas que contornam os trabalhos artísticos selecionados nesta mostra. Para isso, fizemos uma curadoria de seis imagens com objetivo de ampliar os conhecimentos sobre a fotografia contemporânea e nossas percepções de mundo. Os projetos se relacionam com outras linguagens como a pintura, o desenho, a escrita e a performance e, nesses cruzamentos, nossas percepções da história são atualizadas.

Nas próximas páginas, você encontrará um material pedagógico elaborado como um roteiro de mediação. Dividimos ele em três etapas: Conhecer e Pesquisar; Informações e Percepções; e Propostas Criativas. Cada momento pode ser vivenciado em grupos, trios, duplas ou individualmente pelos visitantes das exposições. Na primeira etapa, “Conhecer e Pesquisar”, as imagens escolhidas para o roteiro são de autoria de cinco artistas e um coletivo. Elas estarão espalhadas e junto você encontrará perguntas norteadoras para expandir o olhar com novas percepções para cada trabalho.

Na segunda etapa, “Informações e percepções”, teremos quadros com informações que buscam ampliar os conhecimentos sobre os temas que contornam os trabalhos apresentados na mostra. É importante que os alunos consigam correlacionar as imagens com as informações apresentadas. Por fim, na terceira etapa, nas “Propostas Criativas”, serão apresentadas seis atividades pedagógicas desenvolvidas para prática artística e criativa dos estudantes. Iremos apresentar um resumo do trabalho dos artistas e, na sequência, o passo a passo de uma atividade prática envolvendo diversas linguagens visuais, como fotografia, colagem, desenho, pintura.

CONHECER E PESQUISAR

**Você conhece
a Fotopintura?**



**Você conhece o
Tecnomelody?**



**Você já desenhou
um sonho?**



PESQUISAR E CONHECER

**Você já imaginou uma
história não oficial do Brasil
com imagens atualizadas
do século XIX?**



**Já ouviu falar do
Movimento Drag?**



**Você conhece
a Vênus?**



INFORMAÇÕES E PERCEPÇÕES

Fotos coloridas antes das cores

Há registro de que a primeira fotografia realizada no Brasil data do ano de 1840. Nesse período, poucas pessoas poderiam sonhar em um dia ter suas imagens eternizadas para além da memória. A fotopintura é um recurso importantíssimo para a popularização das imagens que podem ser guardadas e lembradas. É uma técnica de restauro de imagens que poderiam ser perdidas como a 3x4 da carteira de identidade. A partir de uma cópia em preto&branco os fotopintores criavam retratos destacando olhos, eliminando rugas, definindo cabelos e vestindo trajes elegantes e sociais nos retratados com cores características.

O que é Tecnomelody?

É um ritmo musical característico do Pará, uma mistura de música eletrônica com letras em português e a batida dançante. O ritmo também é conhecido por adaptar melodias internacionais bastante conhecidas e incluir novos elementos como instrumentos musicais eletrônicos. As letras falam sobre amor, paixão, dor de cotovelo e uma infinidade de sentimentos que encontram ritmo nas melodias. Nas festas de aparelhagem onde o ritmo toca a noite toda as pessoas costumam dançar com amigos, familiares, parceiros, em dupla ou sozinhas. Ao caminhar pelas ruas de Belém, seja no bairro do Comércio, no Jurunas, na Terra Firme, no Guamá ou nas festas de aparelhagem nas cidades do interior do estado, o tecnomelody ecoa das casas, das festas e de inúmeras caixas de som. Desse modo, o ritmo é acompanhado de uma paisagem sonora que constitui uma forte camada da visualidade cultural amazônica.

Vênus

Vênus, que pode ser um planeta ou uma característica astrológica, em muitos momentos da história está associada a deusa do amor, da beleza e da fertilidade. Portanto, podemos ressaltar que ao longo da história esses padrões e conceitos são mutáveis e relativos ao contexto histórico, cultural e social de cada época. Para exemplificar as mudanças de percepção e representação dessa imagem mítica ao longo dos séculos destacamos quatro trabalhos, são eles:

A Vênus de Willendorf, uma escultura de 11 cm do período paleolítico (primeira fase periódica da história, com início há cerca de 2.5 milhões), uma imagem com seios e quadris avantajados sobre a qual pesquisadores registram que suas formas estão relacionadas ao desejo de sobrevivência, abundância e fertilidade, além de estar ligada a cultos da mãe terra.

A Vênus de Milo, uma escultura de 202cm, datada de 130 a.C. e que está preservada no Museu do Louvre. Pesquisadores registram que a imagem é associada ao padrão de beleza helenístico (período da história grega que se estendeu de 338 a.C. a 146 a.C.) Trata-se de uma mulher seminua com características corporais que são associadas a um padrão de corpo feminino que se mantém até hoje.

A Vênus de Botticelli uma pintura datado de 1485 propõe um cânone de beleza renascentista, o quadro intitulado O Nascimento de Vênus compõem uma narrativa mitológica onde no centro vemos uma mulher com os cabelos compridos cobrindo os seios e reluzindo como uma pérola ao centro de uma grande Concha. O quadro se destaca com a presença em muitos livros de história da arte.

E por último temos a Venus de Val Souza, artista que integra a mostra “Todo corpo em deslocamento tem trajetória”. Ela tem papel fundamental em atualizar nosso imaginário e nos preencher de imagens do hoje, de mulheres negras que todos os dias estão construindo, aceitando e reivindicando suas imagens e espaços no mundo. A extensa pesquisa da artista na busca de uma visualidade Vênus conversa com muitos retratos, selfies e colagens. Um olhar atencioso sobre a história da arte e os álbuns de família. Em um mural de 10 metros encontramos muitas Vênus no eu e no agora.

Drag Queen

É uma expressão artística. Algumas literaturas indicam que o termo vem do teatro elizabetano: “dress as a queen” traduzido seria “vestido como uma rainha”. Outras, afirmam que o termo possa vir da palavra dragged que significa arrastado por fazer parte de um período em que as pessoas usavam vestidos tão pesados que precisavam ser literalmente arrastados pelo chão. Pesquisadores apontam diferentes períodos da história com a presença de corpos que questionavam os padrões de gênero - feminino e masculino - com uso de roupas, maquiagens e objetos. Datas como 1880 registram no Reino Unido um baile onde os homens usavam roupas designadas naquele período da história às mulheres. Na Alemanha, em 1930, acontecem diversos bailes de cross-dressing e nos Estados Unidos também. O movimento drag sempre foi perseguido por subverter os padrões de gênero vigentes. Ao longo dos séculos o movimento se popularizou e se tornou um movimento cultural de arte, música, teatro e dança. Nos dias atuais reality shows apresentam competições de figurino, dublagem, maquiagem, performance e tudo que envolve o universo Drag Queen. Todas as pessoas independentemente de serem homem, mulher, não-binário, cis ou trans, LGBTQIAP+ ou não, se montam como drag. Historicamente o movimento enfrentou e enfrenta inúmeras proibições e atravessou com brilho, luta e resistência as linhas da história promovendo arte e cultura.

Atualizações traumáticas de Debret

Jean-Baptiste Debret foi um pintor francês que reuniu pinturas em aquarela com cenas cotidianas do Brasil no início do século XIX, com uma visão colonialista retratou em suas pinturas inúmeras violências presentes nas relações entre os colonizadores e os povos originários e escravizados deste período. Um quebranto colonial - como diz Rufino, presente em todas as estruturas da sociedade brasileira hoje. Gê Viana tem produzido muitas imagens que atualizam as visualidades que temos da história. Unindo fotografia, desenho e colagem, ela revira o imaginário e traz imagens de vida, celebração, alegria, liberdade e exaltação de povos pretos e indígenas.

SELFIES ALÉM DO TEMPO

Depois de observar o trabalho dos artistas Mestre Júlio Santos e Cyro Almeida e ler as informações sobre a fotopintura, dialogue com a turma. O diálogo pode ser iniciado com as seguintes perguntas:

Você já viu uma foto da pintura antes, na casa dos seus avós ou algum familiar?

Como você imagina que as fotos coloridas foram feitas no início do século XIX?

Você conhece a técnica de daguerreotipia?

E as câmeras de lambe-lambe?

Como você gosta de tirar selfies?

Quais as poses que você gosta de fazer?

Depois de dialogar com os alunos sobre os temas da história da fotografia que atravessam o trabalho dos artistas, convide-os para trazer uma fotografia selfie/autoretrato em preto e branco impressa. Observe quais elementos se repetem nas fotopinturas do Mestre Júlio como a roupa, os cabelos e a maquiagem. Na sequência, vamos exercitar esse processo criativo nas fotos com desenhos e pinturas colocando um look social de festa e elegância. Ao final, faça um mural com os trabalhos da turma.

Material: Papel, lápis, caneta, fotografias impressas e giz de cera.

FAIXAS DE AMOR

Depois de observar o trabalho da artista Nazas e as letras das músicas presente nas faixas. Dialogue com os alunos sobre a vertente da música. O diálogo pode ser iniciado com as seguintes perguntas:

Você conhece o ritmo? Já ouviu antes?

Quem poderia cantar um trecho de uma música?

Quais as principais bandas e aparelhagem de tecnomelody da sua cidade?

Conhece de qual música é a frase presente no trabalho da artista?

Depois de conversar sobre o ritmo com seus alunos, organize a turma em duplas, cada dupla escolhe uma música e seleciona um trecho ou uma frase. Na sequência, eles devem produzir cartazes ilustrando com desenhos, colagens ou pintura o trecho da música selecionado.

Material necessário: lápis, borracha, caneta piloto, giz de cera, lápis de cor, tinta, pincel, tesoura, cola e cartolina.

ATUALIZAÇÕES DE VÊNUS

Depois de observar o trabalho da artista Val Souza e conhecer mais da história da figura da Vênus. Vamos fazer um trabalho de pesquisa, discussão e prática a respeito dos temas que a artistas nos traz.

Vamos dividir a turma em 3 grupos. Cada grupo será responsável por um tema de pesquisa e deverá trazer imagens dentro do seu tema:

Grupo 1: Pesquise imagens da Vênus de Milo em desenhos, pinturas e esculturas presente na história da arte

Grupo 2: Pesquise imagens de mulheres negras importantes na história da cidade de Belém, no estado do Pará e no Brasil como escritoras, pesquisadoras, artistas, cientistas, atletas, etc. À exemplo de Zélia Amador de Deus, Conceição Evaristo, Nayara Jinkns, Rosana Paulino, Glória Maria, Daiane dos Santos, entre outras.

Grupo 3: Pesquise imagens em arquivos de família, entreviste seus familiares, vizinhos, colegas da escola. Encontre mulheres, mães, tias, avós, bisavós com histórias que precisam ser contadas e não podem ser esquecidas. Conte a história de pessoas importantes e que são grandes inspirações no dia a dia.

Ao fim da etapa de pesquisa com as imagens, construa um diálogo entre os grupos e descubra quais as impressões dos alunos com a pesquisa. Depois, construa um grande mural colando as imagens. A proposta visa atualizar o imaginário que temos da Vênus, essa imagem tão simbólica na história da arte.

Materiais: papel, lápis, caneta, tesoura, cola, impressão de fotografia, 1 bobina de papel kraft.

MEU SONHO SONHADO POR OUTRO

Depois de observar o trabalho artístico da dupla Ícaro Moreno Ramos e Gabriela Sá, vamos nos inspirar na dinâmica de criação dos artistas e elaborar um conjunto de imagens e textos relacionados aos sonhos.

Na primeira etapa, todos os alunos deverão anotar seus sonhos em um caderno por duas semanas.

Na segunda, a turma será dividida em duplas, os alunos das duplas irão trocar entre eles os cadernos de sonhos.

Na terceira, os alunos irão criar imagens baseados nos sonhos contados pelo colega. Desse modo, criando imagens dos sonhos sonhados por outra pessoa. Recomenda-se o uso do celular nessa etapa.

Na quarta etapa, os alunos irão se reunir e conversar sobre o processo de criação e, se possível, imprimir as imagens e os textos organizando uma exposição na escola.

Materiais: Lápis, caneta, caderno em branco, celular com câmera.

QUIZZ

Depois de observar o trabalho do Coletivo NoiteSuja e ler as informações a respeito do movimento drag, vamos aprofundar os conhecimentos sobre o coletivo que há 10 anos realiza um movimento artístico e cultural na cidade de Belém. Convide os alunos para fazer a seguinte pesquisa:

Quando surgiu o Coletivo?

Por que eles/elas/elus utilizam o termo Themonias?

Quais materiais são utilizados na elaboração das roupas, maquiagens e performances?

Cite o nome de 3 drags que fazem parte do coletivo.

Pesquise qual reality show com a temática drag foi gravado na amazônia.

De qual famoso quadro da história da arte o trabalho do Coletivo faz uma releitura?

Materiais: Papel, lápis e borracha.

ESCREVENDO CELEBRAÇÕES

Depois de observar o trabalho de Gê Viana e ler as informações a respeito da atualização de imagens no processo de descolonizar imaginários, vamos nos inspirar na artista e criar textos de celebração que dialoguem com a imagem de seu trabalho.

A turma deverá observar com atenção a imagem “Radiola de promessa” e, em seguida, elaborar um texto contando o que eles imaginam que está acontecendo naquela cena.

As pessoas estão levando uma grande caixa de som para onde?

Qual estilo musical irá tocar?

Se eles estão indo para uma festa, qual o nome da festa?

No segundo momento, divida a turma em duplas. Os alunos deverão trocar entre a sua dupla o texto escrito e, na sequência, realizar uma série de 5 fotografias a fim de traduzir em imagens as informações presentes no texto. Desse modo iremos criar um diálogo entre as linguagens do desenho, fotografia, fotocoloragem e mergulharemos no tema presente no trabalho da artista, abrindo espaços de criação para celebrações em vida.

Material: Papel, lápis, borracha, caneta e celular com câmera.

TODO CORPO
EM DESLOCAMENTO
TEM TRAJETÓRIA



PATROCÍNIO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



COLABORAÇÃO



APOIO CULTURAL

REALIZAÇÃO

